



Rio de Janeiro, 8 de outubro de 2013

Excelentíssima Senhora MARTA SUPLICY  
Ministra da Cultura, Governo Federal  
Brasília, DF

Ref: Festival de Herança Negra de Lagos e Feira de Frankfurt

Estimada Ministra Marta Suplicy, saudações.

No dia de hoje lhe escrevo motivada por dois temas: a segunda etapa do Festival Herança Negra de Lagos, Nigéria, que teria lugar esta semana com participação brasileira e a representação do Brasil na Feira do Livro em Frankfurt.

Existe uma população considerável de nigerianos descendentes de africanos escravizados no Brasil que retornaram à sua terra e lá mantêm tradições brasileiras como o Meboi (Bumba Meu Boi), bandas musicais e blocos de carnaval de rua. Concentradas em Lagos, essas tradições estavam há décadas em processo de declínio por falta de recursos.

O Festival de Herança Negra de Lagos se realiza anualmente na semana da Páscoa. Desde 2012 o Prêmio Nobel da Literatura Wole Soyinka está à frente de sua organização, sob a responsabilidade do Governo do Estado de Lagos. O Festival do ano de 2013 foi dedicado ao Brasil não só para estreitar e aprofundar as relações culturais bilaterais, mas também como parte de uma política de apoio e incentivo às manifestações artísticas de cultura brasileira na Nigéria. Tive a honra de ser designada simbolicamente “embaixadora” do Festival e dirijo o IPEAFRO, instituição que participou na programação do Festival com a exposição de pinturas de seu fundador Abdias Nascimento.

Desde junho de 2012, os organizadores do Festival e diplomatas nigerianos, inclusive o embaixador, mantiveram contato com o governo brasileiro, se reunindo inclusive com Vossa Excelência, para construir uma parceria em que o Festival se efetivasse como um encontro significativo da expressão cultural do Brasil com a cultura brasileira na Nigéria. O Brasil se comprometeu a enviar uma delegação e a Presidenta Dilma, em visita oficial à Nigéria, confirmou publicamente a participação brasileira no Festival. Seria o momento de uma volta à terra ancestral dos afrodescendentes no Brasil e um encontro deles com os parentes “brasileiros” na Nigéria.

Atendendo o governo brasileiro, que não conseguia organizar sua delegação a tempo de participar na semana da Páscoa em março, os nigerianos prorrogaram o Festival e mantiveram a sua infraestrutura à espera da representação brasileira. Agendaram uma segunda fase do Festival para receber os brasileiros no início de outubro (esta semana). Inicialmente a delegação do Brasil seria de 60 pessoas; meses depois, foi diminuída para 28. Finalmente, pouco antes da data do evento, o Brasil informou que sua delegação seria de apenas quatro almas. Diante disso, os organizadores do Festival e o Governo do Estado de Lagos, que vinha investindo e se preparando para receber os parceiros do Brasil, se viram sem outra opção: tiveram de cancelar a segunda etapa do Festival, criada especialmente para receber uma delegação significativa de brasileiros.

Senhora ministra, eu tive a honra e a alegria de participar do Festival de Lagos em março, e posso testemunhar a riqueza do evento, com apresentações culturais de vários estados da federação nigeriana e de outros países, com destaque para a Companhia Nacional de Dança de Rwanda. Um registro parcial se encontra na página do IPEAFRO na internet.

A desistência do Brasil comunica a pouca importância atribuída pelo governo brasileiro a uma oportunidade inédita de explorar as profundas ligações entre a cultura e os povos africanos e brasileiros, de acordo com a tão proclamada aproximação Brasil-África. Ademais, a forma de proceder demonstrou pouca consideração para com os parceiros nigerianos.

Neste momento, a imprensa e a mídia eletrônica se ocupam com a quase ausência de escritores negros e índios na representação brasileira na Feira de Frankfurt. Leio que a resposta de Vossa Excelência e do Presidente da Biblioteca Nacional às observações da imprensa alemã, foi a de alegar que escritores negros não são publicados em língua estrangeira. Venho lhe informar que existe uma antologia de poetas brasileiros negros, publicada em alemão sob o título *Schwartzte Poesie / Poesia Negra*, organizada por Moema Parente Augel com tradução de Johannes Augel (Köln: Editions Diá, 1988, 178 p., ISBN 978-3905482386). Há resenha em português na revista *Fragments*, v. 4, n. 2, pp. 135-8.

Somente nesta antologia encontram-se publicados em alemão os seguintes 16 escritores negros do Brasil: Cuti, Oliveira Silveira, Adão Ventura, Oswaldo de Camargo, Éle Semog, José Carlos Limeira, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues, Lourdes Teodoro, Miriam Alves, Geni Guimarães, Márcio Barbosa, Jônatas Conceição da Silva, José Alberto, Jamu Minka, Arnaldo Xavier. A organizadora nos informa, por email datado de 5 de outubro de 2013, que na ocasião do lançamento a edição do livro esgotou na Alemanha em três meses, e que “algumas publicações na Alemanha feitas exclusivamente para a Feira estão dando destaque a esta Antologia”.

Há outra antologia alemã de autores negros brasileiros: *Schwartzte Prose; prosa negra-Afrobrasiliensche Erzählungen der Gegenwart* (1993), em que participa a poeta e romancista mineira Conceição Evaristo. Além da contribuição ao *Schwartzte Prose*, esta autora tem o romance *Ponciá Vicêncio* publicado em inglês (Host Publications, 2007, 145 p., ISBN 978-0924047343) e participa com textos em inglês nas antologias *Moving Beyond Boundaries. International Dimension of Black Women Writing* (1995); *Finally Us. Contemporary Black Brazilian Women Writers* (1995); *Callaloo*, vol. 18 number 4 (1995) e *Fourteen Female Voices From Brazil* (Host Publications, 2002).

Estes são apenas alguns exemplos de escritores negros vivos com obras publicadas em língua estrangeira. A peça *Sortilégio: Mistério Negro*, do saudoso Abdias Nascimento, teve suas duas versões publicadas em inglês. Foi encenada em inglês no Festival de Herança Negra de Lagos, com direção de Tunde Awonsanmi, e antes duas vezes nos EUA. Carolina Maria de Jesus é outra autora negra brasileira com várias edições em língua estrangeira.

Senhora Ministra: na sua gestão o Ministério da Cultura já se mostrou sensível às demandas da igualdade racial, lançando inclusive edital para produtores negros. Entretanto, parece que a produção cultural dos negros continua invisível aos gestores da política cultural do MinC, para quem bastaria um pequeno esforço no sentido de procurar se informar para poder incluir vozes negras na representação do Brasil numa feira internacional, antes de usar um “critério técnico” baseado na suposição errônea de que esses autores não são publicados em língua estrangeira. Além disso, uma pergunta não quer calar: a publicação em língua estrangeira foi exigência aplicada a todos os 72 autores que participaram da Feira de Frankfurt?

Esses dois incidentes ilustram, Senhora Ministra, um procedimento considerado normal que costuma passar despercebido nos meios do poder cultural no Brasil: o de ignorar a produção intelectual dos cidadãos negros e desvalorizar a cultura de matriz africana. Não se faz necessário

esperar as próximas gerações para haver um número maior de negros participando da representação brasileira em eventos internacionais – inclusive eventos africanos –, pois os criadores e autores negros já estão produzindo. O que falta é as autoridades da cultura no Brasil passarem a enxergar e atentar para esse fato.

Vossa suposição não deixa de ter fundamento, Senhora Ministra, já que em uma cultura discriminatória e eurocêntrica as obras de autores negros têm menos chance, realmente, de serem publicadas em línguas estrangeiras. Venho, portanto, em espírito de colaboração, apresentar-lhe uma sugestão. O Ministério da Cultura poderia encontrar meios e criar iniciativas para incentivar a publicação de autores negros e indígenas em língua estrangeira. A própria Biblioteca Nacional publicou, em quatro volumes, a antologia *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia Crítica*, organizado por Eduardo Assis Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais. Os autores ali reunidos poderiam constituir uma primeira referência para se construir parcerias com editoras e órgãos públicos de outros países, com o objetivo de difundir essa produção literária mundo afora, com atenção para o continente e a diáspora africanos. Em primeiro lugar, faz-se necessário, a meu ver, um encontro presencial de Vossa Excelência e do Presidente da Biblioteca Nacional com os protagonistas dessa literatura, mediante audiência pública ou reservada, para junto com eles alinhar as diretrizes dessa iniciativa.

Na certeza de que o conteúdo desta carta merece um posicionamento do Ministério, subscrevo atenciosamente.



Elisa Larkin Nascimento  
Diretora Presidente do IPEAFRO  
Embaixadora do Festival de Herança Africana de Lagos

Cc:  
Wole Soyinka  
Presidente Dilma Rousseff  
Ministro das Relações Exteriores  
Ministra Luíza Bairros, SEPPIR  
Presidente da Fundação Cultural Palmares  
Presidente da Fundação Biblioteca Nacional  
Presidenta da Comissão de Cultura, Câmara dos Deputados